

ATÉ QUANDO?

*** Roberto Rodrigues**

A maior parte dos analistas acredita que a atual crise econômica brasileira é resultado da crise política. Esta, por sua vez, é fruto da falta de lideranças reconhecidas, tanto no Executivo quanto no Legislativo: aparentemente, muitos dos atores principais destes setores fundamentais do Estado brasileiro se movem fortemente na direção da preservação de seus próprios interesses, pessoais ou partidários, inclusive quanto a cargos e poder. E isso se traduz em falta de confiança geral: ninguém confia em ninguém na área pública e o setor privado confia pouco no governo e no parlamento. E de quebra, surgem questionamentos sobre eventuais "bate-bocas" entre importantes figuras dos principais tribunais do país.

Se esta tese estiver correta, o nó da economia só será desatado quando se resolver a crise política, e esta não sai do lugar por falta de legitimidade de comando e liderança.

A estas questões ainda acresce todo o notável trabalho do juiz Sérgio Moro e sua equipe na apuração dos desvios do célebre processo Lava Jato que assombra o mundo político. Também não é menos importante o rebaixamento do nosso grau de investimento imposto pela Standard & Poor's.

Com tudo isso, o risco de perdermos mais uma oportunidade para a consolidação do agronegócio brasileiro no mercado global também cresce. Faltam investimentos.

O interesse de investir no Brasil, no entanto, não diminuiu. Fundos e investidores estrangeiros continuam de olho no nosso mercado interno e na nossa plataforma de exportação do agro. A desvalorização do real deixou o Brasil muito mais barato (e os brasileiros, especialmente os da classe média, muito mais pobres), de modo que os investimentos só não vêm em grande volume por causa do já célebre problema da falta de confiança no governo e da incerteza quanto ao prazo de solução da crise política e econômica que vai adiando nossa chance de desenvolvimento.

Isso nos leva a retomar o surrado tema da logística, o mais sério gargalo para o crescimento do agro brasileiro.

O bom Programa de Investimento em Logística – PIL, anunciado pela Presidente da República em 9 de junho passado, corre o risco de demorar para sair do papel.

Foram prometidos 198,4 bilhões de reais em investimentos, sendo 69,2 bilhões (1/3 do total) entre 2015/2018 e os restantes dois terços a partir de 2019 até 2025.

Os programas para 2015 já estão sacrificados em função da crise e do ajuste fiscal, e 2016 não sinaliza grandes melhorias. Com isso, já temos um atraso definido na parte menor do plano, o que não significa que todo resto também vai atrasar. O plano todo terá 66,1 bilhões de reais para investir em rodovias, 86,4 bilhões em ferrovias, 37,4 em portos e 8,8 bilhões em aeroportos. Seriam números excelentes se implementados.

Por outro lado, pouca gente acredita na construção de uma saída ferroviária pelo Pacífico, e a própria União Internacional de Ferrovias (UIC na sigla em francês) considera inviável a Ferrovia Bioceânica, ligando Atlântico e Pacífico. Será mesmo?

Esse nó tem que ser desatado para melhorar nossa competitividade. Até porque a própria Confederação Nacional dos Transportes acredita que 62% das nossas rodovias pavimentadas são ruins ou apenas regulares...

Até quando?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**